

EDITORIAL

A 30ª edição da Expointer trouxe bons ventos para a agropecuária gaúcha. Encerrada no dia 2 de setembro, a mostra obteve faturamento de R\$ 9.659.302,00, resultado da venda de 2.558 animais. O volume financeiro é 30,7% maior do que o registrado em 2006. A comercialização de máquinas ultrapassou os R\$ 120 milhões. Além dos bons negócios já concretizados, o aquecimento nas vendas registrado na Expointer deve manter-se ao longo da primavera.

A perspectiva é de bons preços no trigo. A lavoura chega, neste mês, ao seu estágio crítico. O mês de setembro é determinante para a produtividade e, conseqüentemente, para a rentabilidade do produtor. Na soja, a expectativa é de manutenção dos preços internacionais, que estão nos patamares históricos mais elevados. Na pecuária, a projeção para as feiras de primavera é de procura maior do que a oferta e de manutenção das médias registradas na Expointer. Na Feira de Novilhas, realizada pela Farsul, o preço médio ficou em R\$ 971,00. Os touros Angus rústicos saíram de pista ao preço médio de R\$ 7.533,00, no leilão da raça na Expointer. Tudo isso sinaliza que a temporada será profícua para o campo.

Apesar das boas perspectivas, não é hora de o produtor ficar eufórico e tirar o pé do chão. Não se pode esquecer que o setor acumula dívidas que podem chegar, no Rio Grande do Sul, a R\$ 9 bilhões. Para reverter este quadro, a Farsul está engajada na repactuação do passivo. As tratativas com o governo federal estão adiantadas e, em breve, o produtor terá condições de parcelar, a juros compatíveis com a atividade, o que deve e tomar novo empréstimo, a fim de reinvestir no campo.

A primavera costuma, na contra-mão do cenário positivo – vir acompanhada de invasões de terra e marchas dos ditos sem-terra. É também o tempo da ocupação de prédios públicos, rodovias e propriedades rurais, exatamente na época de semeadura. Por falta de vocação para a lida campeira, os manifestantes semeiam desordem, depredações e um sem número de ilicitudes incompatíveis com o estado de direito e com uma sociedade democrática.

É hora, sim, de trabalhar, para tirar da terra os bons frutos que o cenário promete. As perspectivas são boas mas, sem afínco, o produtor pode deixar que o mesmo vento que trouxe boas notícias leve a oportunidade de reduzir o endividamento e obter lucro. Há esperança no campo, mas há também muito trabalho a ser feito.

Tacuruses e muito mais

Blau Souza*

Visitar o Uruguai é sempre um prazer. Renovei-o agora no gozo de dias de férias e satisfazendo vários desejos. Em Jaguarão, encontrei meu filho Diogo e fui colecionando imagens e agrados que superaram em muito a expectativa de compras do outro lado da ponte ainda majestosa. Não fui muito longe no Uruguai, apenas acompanhei meu filho nas estâncias que ele ajuda a administrar: *Los Marcos*, logo do outro lado do rio, e *La Madrugada*, em Vergara, departamento de Treinta y Trés. Criação e engorda de bovinos, culturas de arroz e de soja, além das muitas pastagens nativas melhoradas poderiam ocupar muito espaço, mas os aspectos técnicos cansariam os leitores ou iriam além da capacidade do cronista. Fiquemos em aspectos mais gerais, motivo para muita conversa com o amigo Paulo Rotta que nos acompanhava na incursão. Vi um Uruguai tomado por antenas de telecomunicações, com estradas muito boas e bem conservadas, apesar de pedágios menores que os nossos e cobrados em menor número de postos. Vi uma lavoura e um campo altamente mecanizados e empregando mão de obra cada vez mais especializada. Sente-se uma atmosfera de confiança. O presidente, esquerdista e culto, faz questão de guardar algumas horas para exercer sua profissão: a medicina. Pragmático, ele parece mais à vontade nos entendimentos com a ALCA, do que mergulhando na retórica ressentida do MERCOSUL. As coisas que estou dizendo resultam de comparação com viagens anteriores e há um acúmulo de ob-

servações que vão muito além do discurso político. Basta olhar para os lados para saber que os *tacuruses* continuam lá, com seu aspecto de montículos que lembram os nossos cupinzeiros, mas cobertos por grama e bem menos endurecidos. Na primeira vez que os vi, considerei-os uma praga capaz de produzir muitos prejuízos, sempre pensando que abrigavam formigas cortadeiras, rivais do gado no consumo de massa verde. Agora, sei que não consomem pasto e a antipatia inicial com os bichinhos diminuiu, sobretudo quando os imagino construindo edifícios altos para resistir ao

Diante da beleza dos campos uruguaios e assistindo a expansão das lavouras e da silvicultura em áreas de pecuária e de pastagens nativas, ocorrem-me alguns temores. No Rio Grande do Sul assistimos, por exemplo, à badalada introdução do capim Annoni, como alternativa na alimentação dos rebanhos, sem considerar possíveis danos ecológicos e menosprezando as potencialidades da cobertura natural dos nossos campos.

afofamento em várzeas alagadas, de solo pouco permeável. E até dizem que as formigas enriquecem o solo com suas secreções além de aerá-lo, combatendo a compactação. O pasto até seria mais abundante e viçoso nas áreas correspondentes à remoção dos pequenos montes. Apesar de tudo isso, eles continuam sendo um problema para a utilização das várzeas. A mecanização fica impossível sem destruí-los e, ela mesma, os destrói com muita eficiência. Vi um grande tronco

de eucalipto sendo arrastado por dois tratores e destruindo, em uma única passagem, comunidades inteiras de *tacuruses*. Como atitude prática no momento, só me resta torcer pelo acerto da destruição e prometer que na próxima visita estarei mais culto por ter conhecido um *Tacuruses* imortal: o livro de poesias com este nome escrito por Serafín J. Garcia. Será uma concessão aos versos e a um poeta, quando se sabe que os escritores uruguaios dominam como poucos a prosa nas histórias curtas. Eles estão entre os melhores contistas do mundo.

Diante da beleza dos campos uruguaios e assistindo a expansão das lavouras e da silvicultura em áreas de pecuária e de pastagens nativas, ocorrem-me alguns temores. No Rio Grande do Sul assistimos, por exemplo, à badalada introdução do capim *Annoni*, como alternativa na alimentação dos rebanhos, sem considerar possíveis danos ecológicos e menosprezando as potencialidades da cobertura natural dos nossos campos. Espero que os uruguaios e os brasileiros que lá vivem e trabalham pensem antes de inovar, lembrem que estão num país de forte tradição agro-pastoril, com muitos anos de pesquisa ligada ao campo e que, por tudo isso, não permitam experiências sem fundamentação, nem prefiram, de modo sistemático, soluções alienígenas para problemas bem locais e conhecidos. A preservação do bioma pampa é supra-nacional. Nele, até os formigueiros merecerão mais cuidados e valorização cultural se os chamarmos como faziam os índios: *Tacuruses*.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila e arquivo
Colaboração:
Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 32.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170